

ESTRUTURAS SEMÂNTICAS NO LÉXICO DO FUTEBOL

Nildemir Ferreira de CARVALHO¹

- RESUMO: O estudo se propõe a esclarecer os mecanismos responsáveis pela organização semântica do léxico do futebol. Apóia-se na teoria semântica estruturalista (Greimas, Pottier). Como primeiro passo, delimita-se a área do trabalho e a escolha recai no domínio lexical definido pelo núcleo CAMPO-JOGO-TIME. Discutem-se, também, os conceitos próprios da linguagem futebolística (espaço-posição-função). O confronto dos dados leva a identificar e a descrever quatro processos lexicais coesivos. O mais significativo é o da *especialidade específica*, não só por mobilizar a maioria das lexias, mas ainda por gerar *sinestésias e conotações* – o segundo processo lexical em importância.
- PALAVRAS-CHAVE: Campo semântico; espacialidade; análise sêmica; eixo da função-posição-movimento; mecanismos lexicais coesivos.

1 Introdução

No curso deste artigo nos preocuparemos em elucidar a estrutura do léxico do futebol – se é que ela existe – de um ponto de vista semântico e global. Mas de onde partir? São bem conhecidas as dificuldades que se oferecem àqueles que se dispõem a trabalhar com um determinado léxico. Em primeiro lugar, os linguistas não cansam de advertir que os lexemas resistem com vigor a uma sistematização rígida, tendo em vista pertencerem a um inventário *aberto* (ou ilimitado), em constante mudança. Por outro lado, o fato de um léxico representar certo domínio da realidade (futebol, por exemplo) determina que a significação de cada unidade lexical depende necessariamente desse contexto extralingüístico específico. Tal contextualização implica uma dificuldade a mais: discernir as novas categorias semânticas que os lexemas adquirem nessa estrutura de léxico particular.

Mas o maior obstáculo deve ser procurado na própria escassez de estudos lexicológicos no Brasil que investiguem a *estrutura semântica global* dos vocabulários. Não há uma tradição metodológica nessa área, testada na prática, que oriente

1 Professor aposentado do Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP.

os caminhos. Aliás, nos últimos anos, os lexicólogos têm-se voltado preferencialmente para certos aspectos fragmentários ou genéricos do léxico: neologismos, condições de produção e produtividade de derivados, frequência lexical, teona lexical etc. Apenas alguns raros trabalhos focalizam o léxico como um todo, entre eles Palharini (1995, p. 111 ss.), que faz o estudo preliminar do léxico dos apanhadores de laranja, Costa (1989, p. 199-245), que analisa o léxico de *profissões e ofícios*. Nenhum destes, entretanto, chega a identificar ou discutir a organização semântica dos seus respectivos léxicos. Costa, por exemplo, se limita a classificar os lexemas em categorias lógico-conceptuais predeterminadas, a expor sua frequência e suas definições depois de distribuí-los em classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc.).

Assim, preferimos ir buscar orientação metodológica nos mestres estruturalistas. Com base na idéia saussureana de língua como "sistema de relações" ou "de unidades interdependentes", estes linguistas desenvolveram a noção de *campo semântico*, que serve como um método de abordagem dos vocabulários.² O primeiro a utilizar essa noção foi Trier (1931, apud Ullmann, 1977, p. 20 ss.), autor de um estudo sobre a distribuição semântica dos termos que designam "conhecimento" em alemão. Outros linguistas estudaram as cores, as relações de parentesco, as experiências religiosas e místicas etc. que, segundo Ullmann, são setores da realidade altamente integrados e não oferecem dificuldade à organização semântico-lexical. Em todos estes casos, o campo semântico se refere a um determinado domínio ou esfera da realidade. Já Baldinger (1970, p. 35 ss., 115 ss.) propõe um campo semântico (ou lexical) constituído de dois outros: *campo semasiológico* ou das significações, que parte de um determinado lexema para identificar suas significações (ou sua *polissemia*), e *campo onomasiológico* ou das designações, que parte de um determinado conceito para descobrir os lexemas que o exprimem (ou sua sinonímia). Trata-se de um enfoque puramente linguístico, que pode ajudar, mas não exaure, a organização semântica de um léxico. A nosso ver a proposta mais bem formulada de campo semântico foi apresentada por Pottier (1963), na qual ele faz a análise sêmica dos termos que designam *assento* em francês. O êxito de seu trabalho está em ter levantado um conjunto pequeno e homogêneo de lexemas (cinco substantivos) e os ter analisado usando seis características semânticas (*semas*). Isso lhe permitiu verificar o que tenham em comum e as suas diferenças especiais.

Esse balanço das principais contribuições para a abordagem do léxico deve encerrar-se com a menção aos estudos específicos sobre o futebol produzidos no Brasil. Infelizmente, apesar da sua importância como fenômeno sociocultural, só pudemos localizar algumas referências circunstanciais de jornalistas e apenas uma monografia, a de Fernández (1974, 143p.), que trata de diversos aspectos da linguagem futebolística (em relação com a imprensa). O léxico também é focalizado aqui,

2 O conceito de "campo semântico" vem resenhado e discutido por Borba, 1969, p. 41-7; Ullmann, 1977, p. 20, 22, 493-539; Marcellesi, 1977, p. 191-2. O de língua como sistema é introduzido em Saussure, 1969, p. 31-2, e comentado por Dubois et al., 1973, p. 276 ss., s.v. *langue*.

mas de um ângulo bem formal: os lexemas são antes derivados, compostos, empréstimos, do que signos representando uma dada realidade.

Ao escolhermos o presente tema, estabelecemos como objetivos identificar a organização semântica do léxico do futebol e analisar os fatores que respondem por ela. O que nos levou a esta escolha foi pensar no valor que o brasileiro atribui ao futebol. Assim, quisemos contribuir para que seja cada vez mais conhecido, ou desvendado, como objeto do saber.

No desenvolvimento deste estudo não contaremos com as mesmas facilidades de Pottier (léxico pequeno e homogêneo), uma vez que os lexemas do futebol são numerosos e se multiplicam em novas combinações. Por isso, a primeira providência que tomaremos será delimitar a nossa área de trabalho.

O léxico futebolístico se apresenta de forma bastante complexa; constitui-se, na realidade, por diversos domínios semânticos que se interpenetram, cada um gerando os seus próprios termos, mas também partilhando com os outros a sua significação. Eis alguns:

(1)

I CAMPO	IV BOLA	VII ARBITRAGEM	X LOTERIA ESPORTIVA
II JOGO	V TORNEIO	VIII DIREÇÃO	
III TIME	VI TORCIDA	IX CRÔNICA ESPORTIVA	

Observe-se como a cada domínio se associam termos privativos:

(2)

I CAMPO	II JOGO (tempo)	III TIME	IV BOLA
1 estádio	1 preliminar	1 clube	1 esfera
2 linha de fundo	2 primeira etapa	2 técnico	2 redonda
3 pequena área	3 fase complementar	3 zagueiro	3 menina
4 círculo central	4 prorrogação	4 médio esquerdo	4 pelota
5 Mineirão	5 noturno	5 centroavante	5 balão
V TORNEIO	VI TORCIDA	VII ARBITRAGEM	VIII DIREÇÃO
1 clássico	1 vaia	1 juiz	1 dirigente
2 quadrangular	2 invadir o campo	2 bandeirinha	2 cartola
3 melhor de três	3 torcer	3 urubu	3 interferir
4 campeonato	4 sofrer	4 ladrão	4 supervisor
5 turno	5 corintiano	5 cartão	5 federação
IX CRÔNICA ESPORTIVA		X LOTERIA ESPORTIVA	
1 comentarista	4 irradiar	1 dica	4 loteca
2 locutor esportivo	5 cadeia verde-amarela	2 zebra	5 coluna um/dois/ do meio
3 bilance		3 palpite	

Na verdade, porém, tais domínios não são de caráter estanque: a privacidade é enganosa. Dependendo do ponto de vista adotado, as inevitáveis *associações* e implicações mútuas vão se manifestar. *Jogo* (II), por exemplo, se relaciona com *torneio* (V), se o enfoque disser respeito a “disputa, campeonato”. O mesmo acontece com *time* (III) e *direção* (VIII), num contexto como: “O presidente da CBF é quem escala a equipe”. E aqui aparece uma propriedade básica de todo léxico: o ser um *continuum*, ou projeção de uma certa realidade. Não é demarcado por si; sua delimitação envolve necessariamente a vontade de um observador.

Por isso é que, dentre os vários domínios, decidimos trabalhar com alguns elementos-reduzidos, que se concentram em torno do eixo CAMPO-JOGO-TIME, justamente os que implicam o aspecto mais relevante do léxico do futebol. Trata-se de um eixo que definiremos como *espácio-dinâmico*, pois nele as noções de espacialidade e movimento adquirem importância vital, não só constituindo a própria substância semântico-lexical, mas ainda impondo a escolha de palavras.

Quanto aos fundamentos teóricos, aproveitamos, sobretudo, os estruturalistas franceses. Em primeiro lugar, servimo-nos do conceito de *espacialidade* formulado por Greimas (1966, p.31 ss.). No geral, quando foi possível, seguimos a orientação conceitual e metodológica da teoria semântica e lexical de B. Pottier, em especial os conceitos de *sema*, *semema*, *lexia*, e a aplicação de certos mecanismos semânticos (sinestésias, conotações, esquemas gramaticais) na análise dos dados do *corpus*. A teoria pottieriana em questão vem configurada nestas obras e passagens: 1968a, p.99 ss.; 1968b, p.65 ss.; 1977, p.21 ss.

Desnecessário dizer que a noção de *campo semântico* anima todo o trabalho, embora não seja o termo citado explicitamente. Trata-se de um conceito complexo, resultado que é de uma longa evolução, iniciada nos primeiros tempos do estruturalismo, a partir de J. Trier (1931, apud Ullmann, 1977, p.20 ss.). Para nós, campo semântico corresponde à idéia de “organização semântica do léxico”; é articulado, isto é, formado ou construído pelo entrelaçamento de categorias semânticas/lexemas; refere-se necessariamente a um certo domínio da realidade. Se o leitor quiser recapitular o desenvolvimento do conceito, deve consultar os itens bibliográficos indicados na nota 2. Finalmente, para o esclarecimento de alguns termos e noções importantes vinculados ao futebol, compulsamos o *Dicionário ilustrado do futebol* – (Placar, 1972) e o *Futebol no bolso*, compilado por Chargel et al. (1966).

Em relação ao *corpus*, fonte dos exemplos e ocorrências que manipulamos, dizemos, primeiramente, que nunca pretendemos fazer um levantamento ou análise exaustiva (estatística), mas sim análise semântica. Por isso, escolhemos um *corpus* representativo, ainda que pouco numeroso, formado por jornais e revistas publicados à época da última copa mundial de futebol, ganha pelo Brasil (período de abril a julho de 1994).

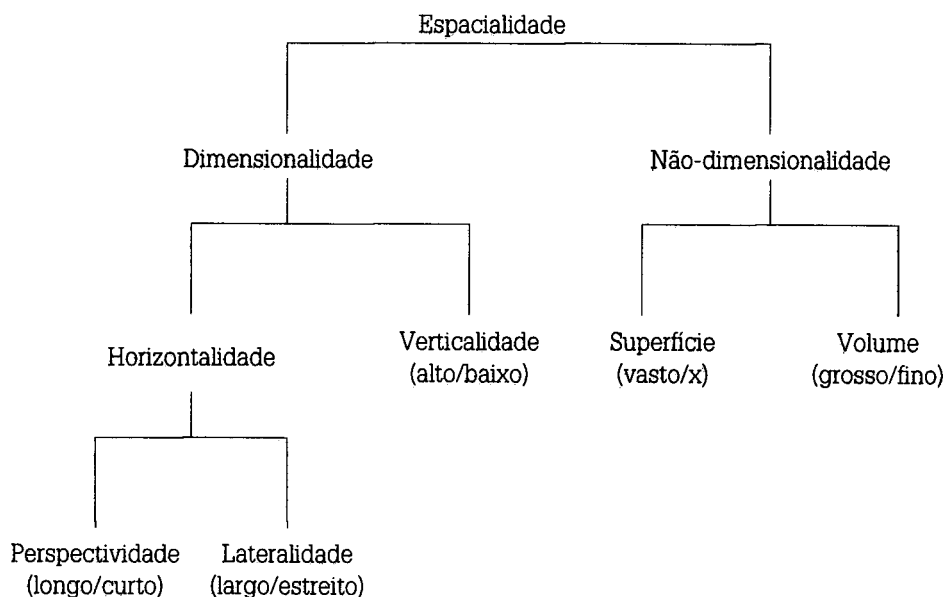
Aqui não poderemos fugir à consideração de certas noções alheias à língua em si, mas que condicionam a visão humana, responsável pela seleção vocabular e fonte geradora das palavras. O item dois (2) focalizará, de preferência, essas noções tidas

como não lingüísticas, o que não nos impedirá, entretanto, de ligá-las a conseqüências semântico-lexicais.

2 O espaço

É noção vital no futebol; o jogo se desenrola num espaço delimitado (o campo), que condiciona a experiência e a visão humana. Não se podem ignorar as conseqüências da sua incidência no léxico. Este se forma e se organiza mais ou menos sob uma perspectiva espacial. A espacialidade, segundo Greimas, implica a noção de um "sistema sêmico de quantidade relativa" (1966, p.31 ss.), ou seja, um conjunto de semas espaciais que se relacionam em articulações binárias sucessivas, como se vê no esquema da p.33, reproduzido aqui em português:

(3)



Greimas apresenta aí traços semânticos espaciais que obedecem a um critério hierárquico (do menos inclusivo ou genérico para o mais inclusivo ou específico), aumentando, portanto, sua complexidade à medida que se vai de cima para baixo na leitura do diagrama. Semas espaciais, representantes desses vários aspectos, garantem a possibilidade de uma estruturação do léxico em estudo. Incidem, com freqüência apreciável, sobre as mais diversas classes de palavras (lexias). Exem-

plificaremos cada caso (de sema espacial) sem nos prendermos à hierarquia rígida citada anteriormente

(4)

(Espacialidade)	"dentro e fora do campo" "O time não <i>corre</i> " "É um ponteiro <i>lento</i> " "Pequena <i>área</i> "
(Dimensionalidade)	"tiro <i>longo</i> " " — <i>curto</i> " "Alongou um passe"
(Horizontalidade)	"bola <i>rasteira</i> " "Joga com a esfera no <i>chão</i> " "O time <i>corre pouco</i> "
(Lateralidade)	"Apertou a defensiva inimiga" "O lateral Jorginho <i>encantou</i> o adversário junto à marca do córner" "A seleção brasileira <i>estreitou</i> o cerco" "Deixou um espaço bem <i>largo</i> para a bola passar"
(Verticalidade)	"bola <i>alta</i> " " <i>levantou</i> o pé demais"
(Volume)	"Abriu uma <i>brecha</i> na defesa contrária" " <i>Fechou-se</i> na retaguarda" " <i>Retranca</i> " "Oferecia uma barreira <i>compacta</i> "

Embora não exclusiva, a noção de espacialidade responde por uma parcela (a fundamental) do léxico futebolístico. Uma tentativa de organização minuciosa desse léxico teria que levar em conta a referência espacial.

2.1 A repartição do espaço

Sendo o espaço um dos elementos fundamentais do futebol (o outro é o jogador), impõe à visão humana a sua natureza quantificável: contínuo, ele domina; descontínuo, é dominado. A preocupação em quantificar o campo (*ocupação do campo*) se manifesta desde os primeiros tempos do futebol (ver Chargel et al., 1966, p.149 ss.; e *Dicionário ilustrado do futebol – Placar*, 1972, p.102 ss.). As *designações*, genéricas ou específicas, que denotam essa intenção de repartir o espaço do campo se contam às dezenas. Exemplos:

(5)

1 ala	6 espaço	10 losango	14 quadrado	18 trecho
2 área	7 fundo	11 parte	15 retângulo	19 triângulo
3 canto	8 lateral	12 pedaço	16 setor	20 fundo
4 centro	9 linha	13 ponta (o)	17 terreno	21 zona
5 círculo				

A maioria destes termos combina entre si ou com outros, formando *lexias* compostas ou complexas. Exemplos:

(6)

1 ALA	2 ÁREA	3 CANTO	4 ESPAÇO	5 FUNDO	6 LINHA
- defensiva	pequena -	- direito	- vazio	linha de -	- defensiva
- avançada	grande -	etc.			- média
					- atacante
7 MARCA	8 QUADRADO	9 RETÂNGULO	10 SETOR		11 ZONA
- penal	- mágico	- de defesa	- defensivo/ de defesa		- de perigo
	etc.	- defensivo	- médio/de meio-campo		marcação por -
			- ofensivo/de ataque		

Os exemplos apresentados servem para mostrar a importância que tem no léxico futebolístico a noção de divisão do espaço. Fazemos notar que o contingente mais numeroso de *lexias* se prende aos três setores básicos da repartição espacial (defesa, setor médio e ataque), que abordaremos adiante.

2.2 Setores e posições

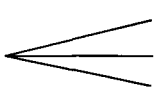
As posições ocupadas pelo jogador em campo estão intimamente relacionadas às noções de espacialidade e repartição do espaço (Chargel et al., 1966, p.47 ss. e passim). Lembramos que se trata de dados não lingüísticos, mas que condicionam a escolha dos *lexemas* e determinam a sua significação.

Em princípio, tais posições se definem e designam tomando como base as repartições fundamentais do campo. Num time, os jogadores que atuam no seu próprio campo, na área ou nas proximidades dela, constituem a *linha defensiva*, defesa ou retaguarda (goleiro, zagueiros ou beques). Os que jogam mais à frente de sua equipe, em contato com os adversários, e buscam o gol, compõem a *linha ofensiva*, avançada ou vanguarda (atacantes, dianteiros, avantes). Entre as duas, ligando-as, dispõe-se a linha média, intermediária ou meio-de-campo (médios, meio-campistas). Os jogadores pertencentes a cada linha recebem qualificações específicas de natureza espacial, de acordo com a faixa de terreno em que atuam (direita, esquerda, central, lateral). Por exemplo: médio direito, médio central (centromédio), médio esquerdo (o médio central se movimentava na faixa entre o médio direito e o esquerdo, no sentido do meio-campo para a área ou para o ataque).


Desde os primórdios do futebol no Brasil (1894) até a Copa de 50 (ganha pelo Uruguai), predominava o uso dos *termos ingleses* para designar as posições dos jogadores (Guia..., 1994, p.6). É fácil entender por que isso acontecia: o futebol tal qual o conhecemos hoje se constituiu na Inglaterra e de lá se espalhou pelo mundo (Chargel et al., 1966, p.3 ss.). Apenas não vingaram os termos *forward*, *outside(r)* e *inside(r)*, substituídos, respectivamente, pelas formas vernáculas *avante*, *extrema* e *meia*. Certamente, a escalação de um time se dava desta forma ou numa forma parecida a esta:

(7)

1 GOLEIRO *goalkeeper*³

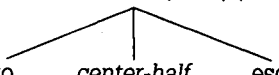
(variantes)⁴  golquíper
quíper
golquipa

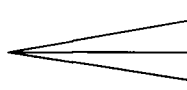
2 ZAGUEIROS *back* (= atrás, defensor)


direito (central) esquerdo


(variantes) beque, becão

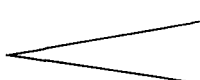
3 MÉDIOS *half (back)* (= defensor médio, médio)


direito center-half esquerdo

(variantes)  alfe
alfo
centralfe

4 ATACANTES *avantes* (inglês *forwards*)


extrema-direita (outside right) meia-direita (inside-right) center forward meia-esquerda (inside left) extrema-esquerda (outside left)

(variantes)  centerfor
centrefor (corruptela)

3 Cf. o quadro das posições do futebol (em inglês) em *Michaelis*, 1971, v.1, p.420, F5.

4 Para conferir as formas variantes, consulte o *Dicionário ilustrado do futebol* - Placar, 1972, e Ferreira, 1986.

Não se sabe desde quando (pois ainda está por se fazer a história dos termos do futebol, certamente documentada na crônica esportiva, falada e escrita de várias épocas), mas aconteceu que muitos termos ingleses entraram em desuso, começaram a ser substituídos por formações vernáculas e/ou por empréstimos do espanhol (sobretudo). Assim é que, na defesa, *golquiper* (e variantes) deu lugar a *goleiro* (de formação vernácula), *arqueiro* (do espanhol *arquero*), guarda-valas e guarda-metas. Na linha intermediária, os *halfs* se transformaram em *médios*: médio direito (em lugar de *half direito*), médio esquerdo (por *half esquerdo*), médio central ou centromédio (por *center half*). No setor ofensivo, descarta-se *center forward* (*centerfor*) em proveito de *centroavante*, que é sua tradução literal.

E os *backs*? Vejamos o que se deu com eles. Após a Copa de 50 (perdida pelo Brasil), mudanças significativas atingiram os sistemas táticos e a terminologia de posições associada a eles. Ao se adotar no país o esquema 4-2-4 e sua variante 4-3-3, usados nas Copas de 54, 58 e 62, introduziu-se um quarto defensor chamado *quarto zagueiro* (do espanhol *zaga*: “retaguarda, “defesa”).⁵ Até então a última retaguarda dos times brasileiros só contava com dois *backs* (um central e outro lateral – marcador de extrema ou ponta) e mais um *médio* ou *half lateral* (direito ou esquerdo), que recuava para ajudar os *backs* e marcava o outro extrema adversário. Com o novo esquema tático o segundo médio ou *half lateral* recua da linha intermediária para assumir posição à esquerda do *back central*, com o nome indicado acima (quarto zagueiro). A partir daí o termo *zagueiro* concorre com *back* e acaba se generalizando para os quatro defensores: *zagueiro lateral*, ou simplesmente *lateral*; *zagueiro central*; *quarto zagueiro*.

No setor de ataque também se processa uma mudança importante, que afeta o meio-de-campo: um dos *meias* (atacantes), o que joga atrasado, passa a compor o meio-campo com o *centromédio* ou *center half*, o único a sobrar da linha média. Trocam de nomes, assumindo designações funcionais (*meia-armador* e *médio volante*, respectivamente), de que trataremos adiante. Outra inovação aqui se refere à substituição de *extrema* (direita, esquerda) por *ponta* (ponteiro), termo mais adequado à idéia de “atacante”. Na variante 4-3-3, outro atacante (um dos pontas) retrocede para ajudar o meio-de-campo (Zagalo, na Copa de 62).

Tantas inovações táticas implicavam que os nomes antigos já não conseguiam expressar as novas funções. Por isso, novos termos, mais apropriados, surgiram e se impuseram – seja qual tenha sido a sua origem (vernácula ou por empréstimo). Os mencionados termos antigos perdem a força, mas é preciso frisar que sobrevivem como *variantes estilísticas* na pena (e na voz) de muitos cronistas esportivos. Sobre a linha média, gostaria de esclarecer um ponto. Os *halfs*, já faz algum tempo, caíram em desuso e se tornaram *médios*. Nos novos esquemas táticos, a linha média, como

5 Para esclarecer-se sobre a evolução dos sistemas táticos no futebol, consulte Placar, 1972, p.6-7; e Chargel et al., 1966, p.73 ss.

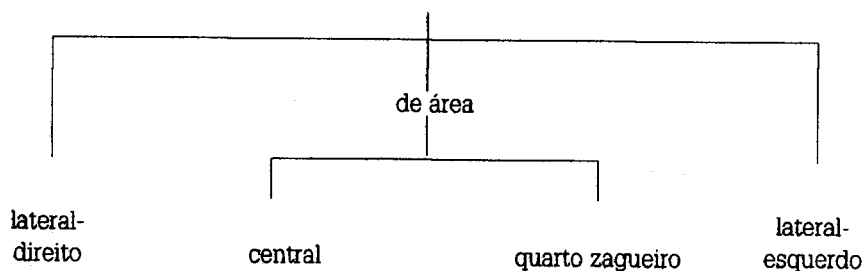
tal, desaparece, mas o termo *médio* se mantém como suporte de lexias indicadoras de funções (por exemplo, *médio volante*) ou para se referir à antiga linha média.

De todas essas mudanças resulta o quadro de posições esquematizado em (8):

(8)

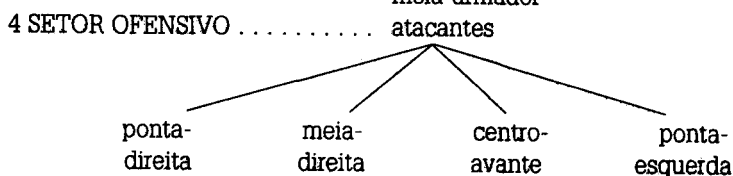
1 GOL goleiro
 variantes arqueiro golquiper
 guardião quíper
 guarda-meta golquipa
 guarda-rede(s)
 guarda-vala(s)

2 ZAGA zagueiros



variantes zagueiro direito beque
 zagueiro esquerdo

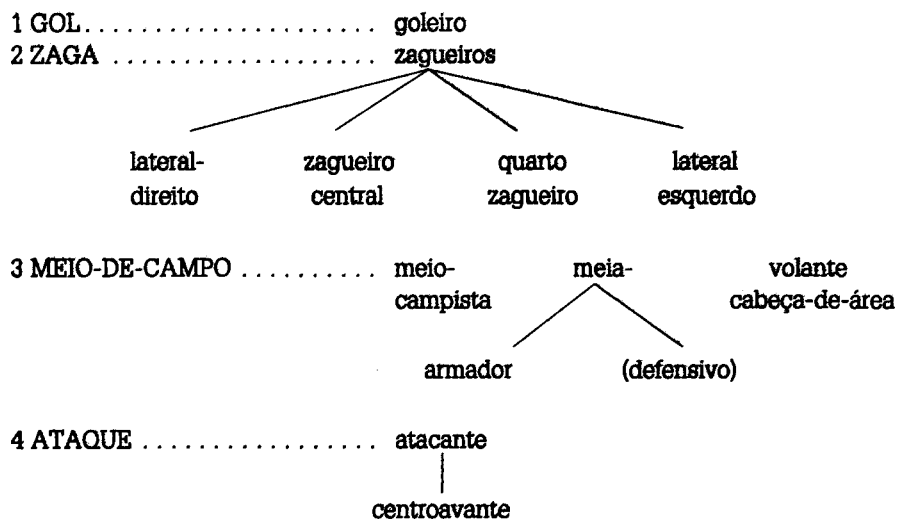
3 MEIO-CAMPO médio volante⁶ (médio...)
 meia-armador



variantes avantes
 dianteiros
 ponteiro (direito/esquerdo)
 extrema (direita/esquerda)
 centerfor (centerfor)

⁶ De acordo com Placar, 1972, *volante* vem do espanhol; refere-se ao médio ou meio-campista que não tem posição fixa: ajuda a defesa e também apóia o ataque. É o antigo *centromédio* ou *center half*.

No futebol moderno, o esquema das posições se torna cada vez mais simples, ao passo que se faz mais complexo o rol de *funções* que um time (como um todo) ou cada jogador pode desempenhar em campo. Na ocasião da Copa de 94, encontramos nos textos sobre a seleção brasileira (que jogou no esquema 4-4-2) as seguintes posições de jogo:



São poucas as posições no conjunto, mas no meio-de-campo se insinuam as inevitáveis funções: *meia-armador* (distribui a bola para os atacantes), *meia-defensivo*, *volante* (meia que ajuda a defesa e apóia o ataque), *cabeça-de-área* (meia que se coloca à frente dos zagueiros na área para dar mais proteção à defesa). Na próxima seção trataremos especificamente delas.

2.3 Funções

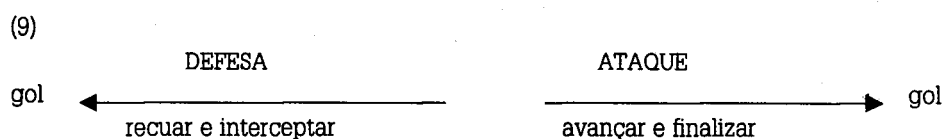
No mundo moderno, “o esporte das multidões” tem sofrido apreciáveis modificações no aspecto tático. O desacordo entre posição *espacial* – atuação do jogador numa determinada faixa do campo (lateral-direito, centroavante etc.) – e posição *funcional*, ação que o jogador executa dentro do campo, independentemente do lugar onde esteja lá (médio *volante*, *meia-armador*), se manifesta de modo claro no léxico futebolístico. A primazia da função sobre o lugar vem tornando obsoletos alguns termos e fazendo surgir outros mais ajustados. Nesse vocabulário convivem os nomes representantes das duas tendências, fato que explica a existência de pa-

rassinônimos e variantes contextuais. Por exemplo: meia-direita vs. meia-defensivo (= posição vs. função).

Embora a noção de posição venha cedendo lugar à noção de função na escolha e formação de novas palavras, sua influência se mantém no que toca aos setores ou posições básicas (retaguarda, meio, frente). Em tais setores, a força da noção de espaço continua viva, até mesmo incorporando ao vocabulário futebolístico muitas lexias compostas ou complexas. Constituem, por assim dizer, *centros de geração lexical* (por exemplo, "lá na frente", "lá atrás", "no meio", "recuado", "adiantado").

Na verdade, o futebol define-se como um jogo de "ocupação e aproveitamento de espaço". A noção de espaço inclui a de *movimento* (teoria da relatividade). Trata-se de uma visão da experiência que condiciona a seleção lexical. O deslocamento do elemento humano no espaço surge, então, como um conceito importante na fixação do vocabulário futebolístico. Em princípio, o jogador deve mover-se numa faixa de terreno que lhe é reservada ("guardar posição"). O movimento no espaço traz consigo uma outra noção: a *direção*. Do movimentar-se em tal ou qual direção decorrem as suas funções no gramado, que podem ser *gerais* (as do time como um todo) ou *específicas* (aquelas que cada jogador executa em prol do time).

Um time (ou jogador) executa dois movimentos básicos. A sua retaguarda não ultrapassa o meio-de-campo; em geral, posta-se em seu campo. Quando os adversários se aproximam, ela se concentra em torno do gol (RECUA) e enfrenta o inimigo (DÁ-LHE COMBATE). A sua vanguarda, por outro lado, caminha em direção à meta adversária (AVANÇA), procurando atingi-la. Assim, podemos dizer que, em princípio, há duas possibilidades de deslocamento: o *recuo* (que pressupõe o enfrentar) é associado à defesa; o *avanço*, ao ataque.

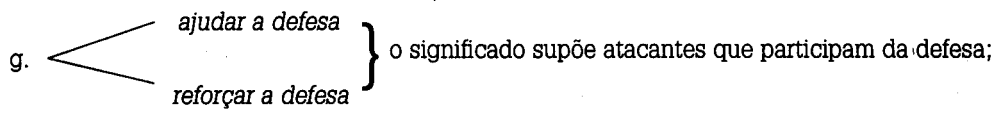


Essas duas funções (ligadas à direção do movimento) atuam como verdadeiros sememas de uma boa parte do léxico futebolístico: RECUAR (*recuar, retrair, voltar, vir* etc.); INTERCEPTAR (*dar combate, obstruir, desarmar, deter* etc.); ATACAR (*avançar, penetrar, entrar, furar, investir* etc.).

Mas o time é constituído de três seções: e o *setor médio*? Interessante notar que a base semântica das expressões referentes ao meio-de-campo, à linha média, revela o plano da experiência. Os jogadores do meio-de-campo têm a incumbência de *defender e atacar*, de articular defesa e ataque. Essa dupla função se reflete em

muitas palavras, que ou trazem um semema correspondente (duplo) ou negam ou afirmam uma das funções supondo a outra. Eis algumas lexias que indicam funções específicas e manifestam a duplicidade:

(10)

- a. *ala*: lateral que atua também pelo meio-de-campo;
- b. *apoiador, médio de apoio*: auxilia o ataque, preocupando-se menos com a defesa, arma o ataque ou o municia;
- c. *cabeça-de-área*: volante que se posta à frente dos zagueiros para defender o centro da área ou que lhes dá cobertura nas proximidades dela;
- d. *meia-armador*: o que organiza ou distribui as jogadas de ataque (Gérson em 1970);
- e. *(médio)volante*: o que não tem posição fixa; vai ao ataque mas exerce função mais defensiva;
- f. *ponta-de-lança*: zagueiro ou meia que parte de trás com a bola dominada para invadir a área adversária e servir aos atacantes;
- g.  *ajudar a defesa*
reforçar a defesa } o significado supõe atacantes que participam da defesa;
- h. *municiar* (o ataque): o significado induz a pensar em defensor participando do ataque.

Os dados da experiência, como se percebe, motivam a substância semântica, mas ao mesmo tempo se vêem circunscritos, delimitados, pelos mecanismos lexicais da língua. A experiência é forçada a tomar uma fôrma radical dentro de uma forma lexical:

apoiar : < atacar \wedge defender >

3 Estruturas semântico-lexicais

Os elementos discutidos, a maioria de natureza não lingüística, foram colocados para assinalar alguns problemas que devemos enfrentar na organização lexical da linguagem do futebol. O nosso esforço agora se concentrará na tentativa de descobrir o que é coerente no léxico futebolístico, que organização é possível encontrar em tal vocabulário, de acordo com esses elementos analisados. Alguns dados lexicais já foram apontados anteriormente; procuraremos agora rerepresentá-los de forma mais sistemática.

3.1 Organização semântico-lexical segundo o eixo FUNÇÃO-POSIÇÃO-MOVIMENTO

Em outro item (2.3) já fizemos alusões à correspondência entre estes elementos. A sua conjugação pode ser um instrumento útil para levar a cabo a estruturação pretendida. Vejamos, em primeiro lugar, como se representa esta correspondência:

(11)

Função	Posição			Movimento		
	Atrás	No meio	Na frente	Para trás	Contra	Para frente
Defesa	+	+	-	+	+	-
Ataque	-	+	+	-	+	+

O presente quadro nos mostra que à função de DEFESA se associam, via de regra, os MOVIMENTOS de recuo/oposição e as POSIÇÕES posterior e média; à função de ATAQUE, por sua vez, ligam-se usualmente os movimentos de avanço/oposição e as posições anterior e média. Desta correspondência fundamental decorrem outras relações (posição-função-movimento etc.): a *posição média*, por exemplo, implica as funções de defesa/ataque e os movimentos de recuo/oposição/avanço.

Tal correspondência, que nasce da experiência, da visão humana, gera consequências no plano lexical. Não se trata, com efeito, de uma imitação, pois a língua não "copia" a experiência; é apenas motivada por ela. Reflete a experiência, mas de forma peculiar, que não coincide exatamente com o plano do real. Assim é que as relações apontadas no esquema citado aparecem como substância semântica de um bom número de palavras pertencentes ao vocabulário futebolístico. Fazem as vezes de *semas*, que se atualizam sob formas reveladoras de vários pontos de vista com respeito às relações assinaladas. Analisando a língua esportiva, notamos que, em virtude das íntimas relações entre função, posição, movimento, verifica-se a tendência de baralhar as três categorias. Em geral, permuta-se a função pela posição ou pelo movimento. Exemplos:

(12)

a. "Leonardo vai jogar atrás."

(Isto é, dentro do próprio campo, na defesa.)

Posição <posterior> em lugar da função <defesa>

b. "Hoje Bebeto não está voltando."

c. "Até Romário hoje está voltando para buscar bola."

(Ou seja, recuando até o meio-de-campo ou até a defesa para receber a bola ou ajudar os companheiros.)

Movimento para trás pela função defensiva.

Aproveitando os exemplos (12b,c), vamos introduzir um problema que merece ser bem esclarecido. O verbo voltar sugere retorno ao campo de origem, uma atitude defensiva. Como Bebeto e Romário são atacantes natos e se posicionam nor-

malmente à frente, buscando o gol, temos de admitir que a correspondência entre FUNÇÃO-POSIÇÃO-MOVIMENTO não se dá, na prática, com o rigor esperado. No caso em questão, o lexema *voltar* teria esta análise: POSIÇÃO <anterior> (parte da frente para trás), FUNÇÃO <defensiva>, MOVIMENTO <recuo> (retorno ao ponto de partida). E se o sujeito das frases fosse *lateral*? Por exemplo:

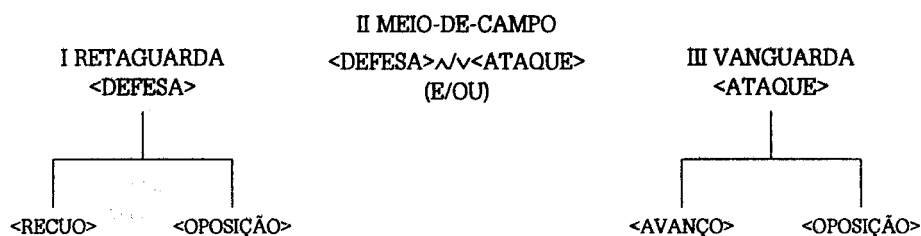
(13) "O lateral Jorginho não está voltando."

Entendemos que a análise deve ser a mesma, uma vez que as propriedades do lexema *lateral* não alteram a análise semântica de *voltar*. O primeiro supõe a posição <posterior>, pois como zagueiro o lateral sempre parte da defesa para o ataque, de trás para a frente. Já *voltar* significa recuar, mover-se da frente, do ataque, para o lugar de origem, para trás, para a defesa. Seu ponto de partida está na posição <anterior> ou <frente>. Existe aqui uma aparente contradição entre a posição <posterior> de *lateral* e a <anterior> de *voltar*. Se verdadeira, inviabilizaria a combinação frástica entre os dois termos. Mas o que acontece, realmente, é que *lateral*, como posição no futebol, implica duas funções (<defensiva> / <ofensiva>) e dois movimentos inversos (<para frente> / <para trás>). É comum dizer de um lateral que ele é *defensivo*, *recua* (volta), ou que é *ofensivo*, *avança* etc. A análise sêmica completa de *lateral* revela, assim, por que os dois lexemas de movimento inverso, *avançar* e *voltar*, são compatíveis com ele.

Agora, a título de exemplificação, procederemos à análise sêmica das lexias mais freqüentes da linguagem do futebol. Temos duas alternativas aqui. A primeira pressupõe a correspondência de (11) mas toma como ponto de referência inicial a posição ou cada uma das três repartições básicas do campo de jogo. No passo seguinte, identificam-se os semas próprios de cada setor, equivalentes às FUNÇÕES e aos MOVIMENTOS, e distribuem-se as lexias por eles. Quanto à segunda alternativa, esta também parte da correspondência entre posição-função-movimento. Entretanto, para garantir que combinações sêmicas inesperadas ou insólitas (como em *lateral* e *voltar*) recebam tratamento adequado, consideram-se as especificações das mencionadas categorias em correspondência como *semas livremente combináveis*, e não ligados a cada setor.

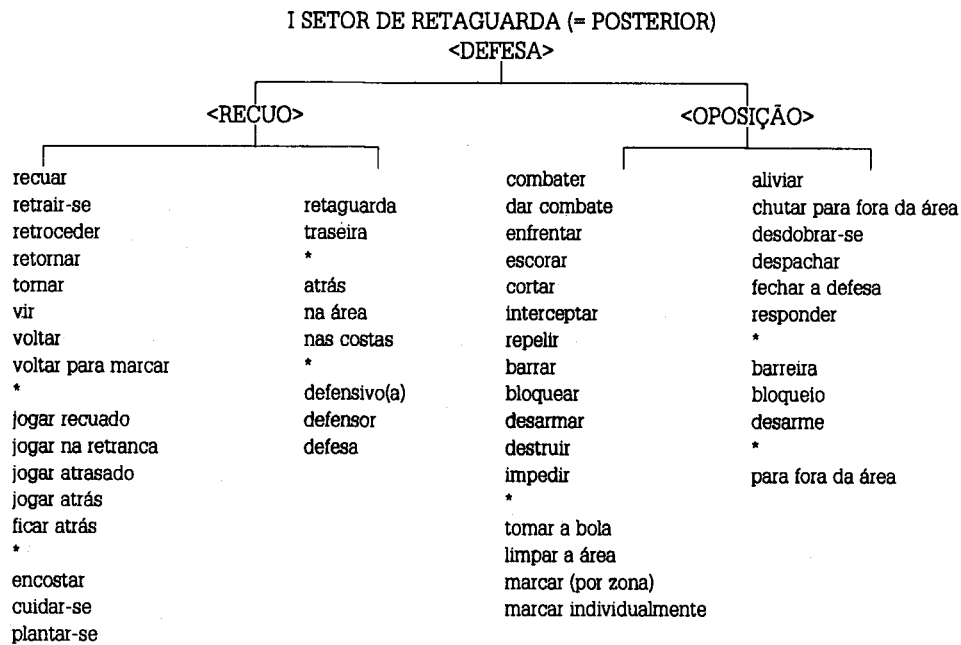
Com base no primeiro critério de análise, verificamos que no plano lexical cada setor de campo do futebol apresenta estas possibilidades sêmicas:

(14)

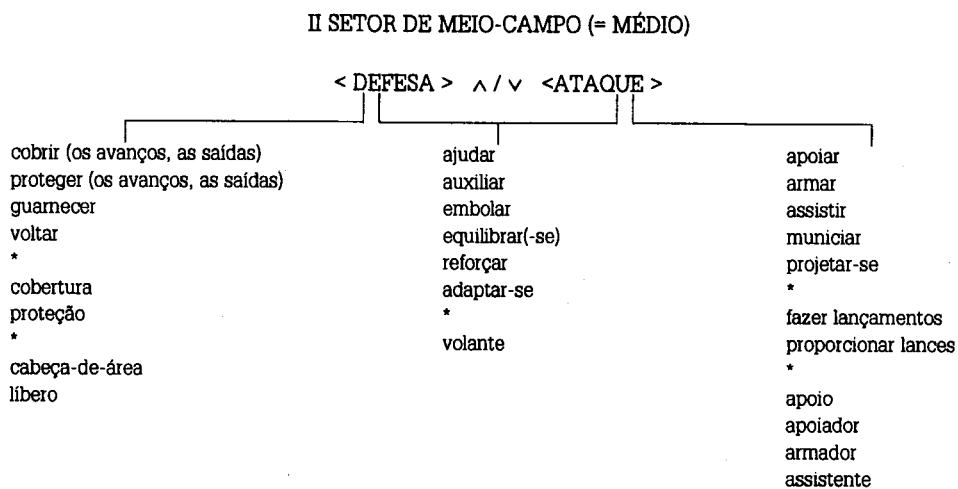


Em (15), (16) e (17) as colunas de lexias de cada setor refletem as características sêmicas indicadas anteriormente.

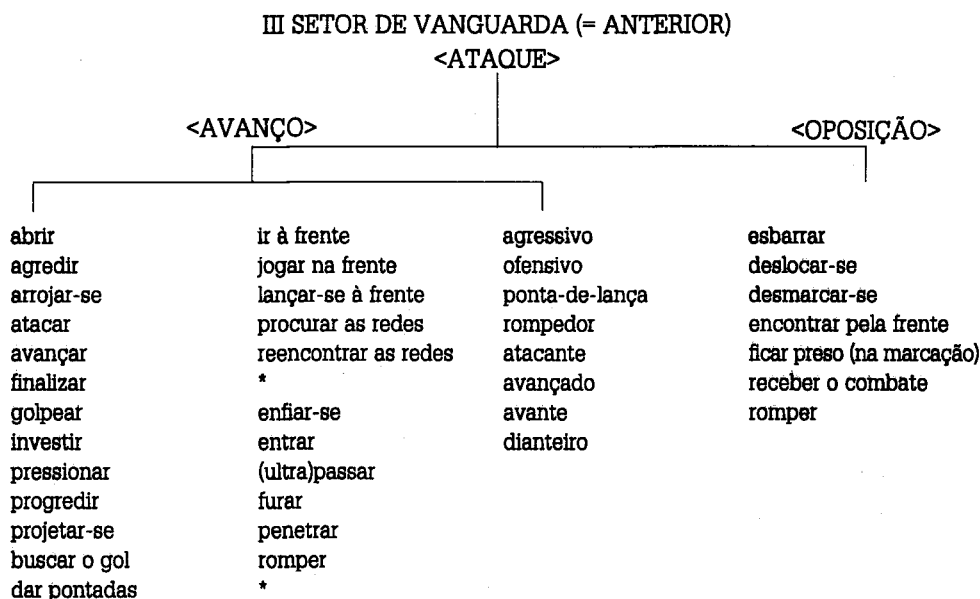
(15)



(16)



(17)



As listas (15), (16) e (17) são constituídas de lexemas indicadores de atividades ou funções próprias de cada setor do campo. Nelas notamos um mecanismo semântico: o semema I <defesa> contém dois semas (<recuo> e <oposição>) que, em geral, não se atualizam ou pelo menos não se evidenciam ao mesmo tempo; quando um se manifesta em dado lexema, o outro aí se enfraquece, embora não deixe de sugeri-lo. O semema complexo II (<defesa e/ou ataque>) se comporta de modo semelhante, mas com uma particularidade: a ele às vezes correspondem *arquilexemas*, que só se explicitam com o auxílio do contexto (ajudar a *defesa* vs. ajudar o *ataque*). Quanto ao semema III (<ataque>), que é portador de dois semas (<avanço> e <oposição>), percebemos que se atualiza, de preferência, como o primeiro sema; em alguns poucos lexemas (*esbarrar*, por exemplo), destaca-se o segundo sema (<oposição>), ainda que sugira também a perspectiva de <ataque>. Nota-se, finalmente, que a associação de <oposição> com <defesa> e com <ataque> produz efeitos diferentes: a <oposição de defesa> é ativa, enquanto na <oposição de ataque> é preciso incluir um resultado semêmico mais ou menos passivo. Estas combinações, na realidade, dão origem a um novo sema em cada caso (<oposição ativa> e <oposição passiva>).

Sobre as lexias que designam posições dos jogadores em campo e não figuram nas três relações acima (goleiro, lateral, zagueiro de área, centroavante etc.), em princípio, recebem a mesma análise sêmica atribuída ao respectivo setor (defesa, meio, ataque). Assim podemos dizer que *zagueiro*, incluído no setor defensivo, implica os semas <recuo> e <oposição>, componentes do semema I <defesa>. O mesmo, porém, não acontece com *lateral*, que engloba os semas <defesa> e <ataque>, conquanto pertença ao setor defensivo. No futebol moderno, é um fato bem conhecido que os laterais *defendem*, mas também *atacam* quando possível. Trata-se, porém, de uma

característica isolada, que não invalida a análise aplicada a (15). Contextualmente, isto é, no plano das ocorrências, pode haver aparente discrepância entre o lexema indicador de "posição do jogador" e o lexema verbal indicador de "função" ou "atividade":

(18) "O zagueiro central Aldair às vezes se projetava e finalizava com perigo."

Zagueiro, no plano paradigmático, fora de contexto, se analisa nestes semas: <posterior> ^ <defesa> v <recuo / oposição>. Quanto a *projetar-se* e *finalizar*, decompõem-se assim: anterior / média> ^ <ataque> ^ <avanço>. A incompatibilidade evidente entre as propriedades semânticas do primeiro termo com as dos últimos não se confirma no nível da frase (18), que é de sentido normal e coerente. Talvez se possa admitir aqui uma espécie de SUSPENSÃO SÊMICA: no plano das ocorrências, no contexto sociolinguístico, o lexema verbal *indicador de função (atividade) específica* neutraliza o semema do lexema indicador de *posição* e impõe a sua própria composição sêmica.

Os comentários que acabamos de fazer, e outros que introduzimos a propósito das frases (12) e (13), apóiam a necessidade de acolher, na condição de mais adequado, o segundo critério de análise sêmica apresentado anteriormente. Trata-se daquele que admite as especificações de *função-posição-movimento* como *semas de combinação livre*. Não sabemos se a sua adoção resolverá todos os casos de análise sêmica em qualquer nível (paradigmático ou contextual), mas acreditamos que a maioria se conformará a ele.

Os Quadros 1 e 2 de análise sêmica seguem a disposição gráfica sugerida em Greimas (1966, p.35); trazem como pontos de referência os *semas* (no sentido horizontal) e os *lexemas/lexias* (no vertical), estes numerados. O sinal + indica *presença* da característica semântica ou sema, o sinal -, *ausência* com valor disjuntivo ou opositivo. Se estiver no jogo sema positivo, mas atenuado, obscurecido ou *suspenso* pela predominância de outro positivo, no mesmo semema ou no contexto, representaremos tais situações por (+), isto é, *mais entre parênteses*. O asterisco (*) no Quadro 1 significa determinação contextual da análise.

(19)

Quadro 1 - Principais lexias do futebol - posições dos jogadores

Lexias \ Semas	Função		Posição			Movimento		
	Defensiva	Ofensiva	Posterior	Média	Anterior	Recuo	Oposição	Avanço
Goleiro	+	-	+	-	-	(+)	+	-
Zagueiro	+	-	+	-	-	(+)	+	-
Lateral	+	(+)	+	-	-	+	+	(+)
* Meia	+	(+)	+	(+)	-	+	+	-
Centroavante	-	+	-	-	+	-	-	+
** Ponta	+	+	-	+	(+)	+	+	(+)

* "O meia Mauro Silva ficou atrás, quase sem passar do meio-campo, cobrindo as avançadas dos laterais."

** "O ponta-esquerda brasileiro (Zinho), recuado para o meio-de-campo, combateu com garra e armou algumas jogadas."

(20)

Quadro 2 – Principais lexias do futebol – termos funcionais (verbos, adjetivos, advérbios, substantivos etc.)

Lexias	Semas			Função			Posição			Movimento	
	Defensiva	Ofensiva	Posterior	Média	Anterior	Recuo	Oposição	Avanço			
1 Recuar	+	-	-	-	+	+	-	-			
2 Voltar	+	-	-	-	+	+	-	-			
3 Jogar atrás(ado)	+	-	+	-	-	+	-	-			
4 Retaguarda	+	-	+	-	-	+	+	-			
5 Dar combate	+	-	+	+	-	+	+	-			
6 Bloquear	+	-	+	+	-	-	+	-			
7 Desarmar	+	-	+	+	-	-	+	-			
8 Marcar	+	-	+	+	-	-	+	-			
9 Fechar a defesa	+	-	+	-	-	+	+	-			
10 Barreira	+	-	+	-	-	-	+	-			
11 Cobrir	+	-	+	+	-	-	+	-			
12 Proteger	+	-	+	+	-	-	+	(+)			
13 Líbero	+	(+)	-	(+)	-	+	+	-			
14 Ajudar	+	-	-	+	-	+	+	-			
15 Embolar	+	-	-	+	-	-	+	+			
16 Apoiar	-	+	-	+	-	-	-	-			
17 Reforçar	+	-	-	-	+	-	+	+			
18 Arrumar	-	+	-	+	-	+	-	+			
19 Assistente	-	+	+	+	+	-	-	(+)			
20 Volante	+	(+)	-	+	-	-	+	+			
21 Avançar	-	+	-	+	+	+	-	+			
22 Jogar adiantado	-	+	-	(+)	+	-	-	+			
23 Jogar na frente	-	+	-	-	+	-	-	(+)			
24 Encontrar pela frente	-	+	-	(+)	+	-	+	+			
25 Progredir	-	+	-	+	+	-	-	+			
26 Projetar-se	-	+	-	+	+	-	-	+			
27 Agredir	-	+	-	-	+	-	-	+			
28 Pressionar	-	+	-	-	+	-	-	+			
29 Penetrar	-	+	-	+	+	-	-	+			
30 Ponta-de-lança	-	+	-	+	(+)	-	-	+			

Os Quadros 1 e 2 resumem as condições em que existem e operam os *semas predominantes, atenuados e suspensos* – definidos na apresentação destes quadros e revelados pela discussão em torno de (18). Vamos começar nossa interpretação sêmica pelo Quadro 1, mas antes admitamos que os *semas* são determinados *fora* ou *dentro* do contexto. O lexema *zagueiro* incorpora *semas* não-contextuais; trata-se, em princípio, de um jogador que só defende, não ataca; posta-se em seu campo nas proximidades da área; busca *principalmente* barrar ou desarmar o adversário (*sema* predominante). Tudo diferente de seu papel em (18), em que faz as vezes de atacante. Já no lexema *meia** alinham-se *semas* determinados contextualmente (ver frase*): defende mas renuncia a atacar (*sema* suspenso, pressuposto); embora jogador oriundo do meio-campo, agora se coloca na retaguarda como se fosse um zagueiro; substitui os laterais no trabalho de interceptação do adversário quando eles saem para atacar.

No Quadro 2 só há semas estruturais ou não contextuais. No entanto, a *natureza funcional* das lexias, isto é, o fato de exprimirem “atividades específicas”, contribui para que haja certa proximidade ou equivalência entre seus semas estruturais e contextuais. Poderíamos até dizer que para a maioria das lexias funcionais (verbos, principalmente) se *verifica igualdade de composição* sêmica nos dois casos. Variação contextual se justifica, sobretudo, com alguns poucos substantivos (assistente, líbero, volante). De acordo com o que está no Quadro 2, *volante* (lexia 21) sugere esta interpretação sêmica fora de contexto: defende-se mais do que ataca; posta-se no meio-de-campo ou à frente da zaga de seu time, perto da área; recua para ajudar a defesa; especializou-se em marcar/desarmar o adversário; raramente avança em direção ao gol. Na frase

(21) Os volantes Dunga e Mauro Silva davam combate pelo meio e ajudavam os laterais quando os alas russos eram acionados.

a lexia *volante(s)* implica esta análise sêmica:

(22)

Semas Lexema	Função		Posição			Movimento		
	Defensiva	Ofensiva	Posterior	Média	Anterior	Recuo	Oposição	Avanço
Volantes	+	-	+	+	-	(+)	+	-

Em outros termos: no contexto (21), pode-se dizer de *volantes* que eles defendem sem a preocupação de atacar; colocam-se no meio-campo ou na retaguarda; marcam no meio; ou reforçam a defesa nas laterais. O que mudou aqui?

Desaparecem essencialmente os semas indicadores de função *ofensiva* e de movimento de *avanço*, que são relacionados e estavam pressupostos ou atenuados na representação do Quadro 2.

Os casos de análise sêmica, discutidos nesta seção, evidenciaram as estreitas relações entre as categorias *função-posição-movimento*. Também serviram para testar a adequação de um critério de análise sêmica como instrumento para abordar a complexidade semântica de um léxico (*futebol*).

3.2 Estruturação segundo o sistema da ESPACIALIDADE

A noção espacial em seus vários matizes, como se vê em (3), motiva um bom número de lexemas do vocabulário do futebol, o que nos proporciona um critério para reuni-los em conjuntos mais ou menos homogêneos.

(23)

I HORIZONTALIDADE

1 *Em geral*

correr
lançar
passar
rolar
*
jogar atrás
jogar na frente
jogar com a bola no chão
bola rasteira

2 *Perspectividade*

alongar
esticar
chutar de perto/de longe
cara a cara com o goleiro
*
bola curta
bola comprida
bola longa
tiro torto

3 *Lateralidade*

centrar
cruzar
apertar (o adversário)
encantoar
espremer
estreitar o cerco
virar o jogo (?)
*
O jogo se desenvolve:
pela direita
pelo centro
pela esquerda

II VERTICALIDADE

descer (= ir ao ataque):
"Os laterais descem quando o time vai bem"
subir (= descer)
levantar (a bola, o pé etc.)
bola alta

III VOLUME

abrir(-se) *
abrir uma brecha
fechar(-se)
trancar(-se)
jogar aberto
jogar fechado
jogar trancado
barreira compacta
defesa sólida
retranca
miolo da área
brecha
buraco

A estes itens lexicais, pode-se aplicar a mesma disposição gráfica da estrutura sêmica da espacialidade proposta por Greimas (1966, p.33-5). Para exemplificá-la, utilizaremos alguns itens que representam a complexidade dessa estrutura:

(24)

Lexias \ Semas	Espacialidade	Dimensionalidade	Verticalidade	Horizontalidade	Perspectividade	Lateralidade	Volume
Levantar	+	+	+	-	-	-	-
Bola curta	+	+	-	+	+	-	-
Apertar (o adversário)	+	+	-	+	-	+	-
Miolo da área	+	-	-	-	-	-	+

Os termos citados não esgotam a lista de lexias que têm como base a espacialidade. Constituem um núcleo lexical que dá origem a muitos parassinônimos, módulos etc.

3.3 Sinestésias e conotações

Como já dissemos em outra parte, a correspondência entre função–posição–movimento os transforma em elementos equivalentes e, portanto, comutáveis. A equivalência abre a possibilidade de um intercâmbio muito forte entre eles. O mesmo ocorre com vários aspectos da espacialidade horizontal, vertical etc. O fenômeno se passa no nível da experiência humana, mas a língua o reflete com bastante evidência. Tais elementos, sob a forma de *sememas* ou *semas*, preenchem a substância semântica de muitos lexemas da linguagem do futebol. O contexto lingüístico se encarrega de atualizar ou explicitar o intercâmbio mencionado – fenômeno que podemos rotular como ocorrências de SINESTESIA:

(25)

(1ª)

ir para trás
jogar atrás
jogar recuado
trancar-se
jogar trancado
jogar pesado
encostar



JOGAR
NA
DEFESA

(2ª)

ir para frente
jogar na frente
avançar/descer/subir
jogar adiantado
abrir o jogo
jogar aberto



JOGAR
NO
ATAQUE

Na mesma linha das ocorrências sinestésicas podemos colocar o fenômeno da CONOTAÇÃO: a certos núcleos semânticos (<defesa> e <ataque>) costumam associar-se determinadas idéias subjetivas, geralmente de cunho moral ou emotivo, que se traduzem ou se atualizam sob a forma de lexemas ou de esquemas contextuais. Assim, à noção de <defesa> se ligam as idéias de <lentidão>, <medo>, <perigo>, <falta de estética>; a *meio-campo* (<defesa/ataque>), as de <equilíbrio> ou <inércia> e a de <responsabilidade>; a <ataque> se prendem as de <ousadia>, <agressividade>, <surpresa>, <velocidade> e <beleza>. Esses mecanismos de conotação estão na base de um numeroso contingente de lexemas e enunciados da linguagem do futebol. Citaremos exemplos diversos:

(26)

I <DEFESA>

- Jogador tímido.
- Jogador medroso.
- Time amedrontado.
- A defesa aliviou, mandando a bola para escanteio.
- A equipe entrou acovardada em campo.
- O Brasil joga com quatro volantes e ainda teme as pontadas do adversário?
- O volante brasileiro sabe roubar bola. Isso ele sabe.
- Ladrãozinho de bola.

- Romário foi caçado em campo, vergonhosamente.
- Camarões desapareceu no gramado.
- A seleção se escondeu atrás.
- O time escondeu-se em campo.
- Instantes difíceis para a zaga.
- A bola entrou perigosamente na área.
- Situações de perigo.
- Zona de perigo.

II <ATAQUE/DEFESA>

- Faltou equilíbrio ao time; o meio-de-campo não auxiliou a defesa nem apoiou o ataque.
- A derrota aconteceu porque o meio-de-campo não funcionou.
- Jogo monótono, enrolado, os dois times brigando no meio-de-campo.

III <ATAQUE>

- "O Brasil não agredia, não procurava a bola."
- Time agressivo.
- Jogador valente, leão em campo, tanque, rompedor.
- Ameaçar o gol.
- Fustigar o adversário.
- Oferecer perigo.
- Armar confusão.
- Levar o pânico à área inimiga
- Surpreender a defesa contrária.
- "A Bulgária pegou desprevenida a retaguarda argentina."
- "Esse time não ousa."
- Um ponta veloz, hábil.
- Futebol rápido e atrevido.
- "A seleção não pratica mais aquele futebol vistoso, sempre alegre."

Outros esquemas conotativos também aparecem com uma certa frequência:

(27)

I <goleiro> ⊃ <assistente>:

"No jogo os arqueiros não foram chamados a intervir – meros *espectadores* no gramado."

II <jogo defensivo> ⊃ <troca de passes>:

"O time não avançava, preferia fazer um mundo de troca de passes."

III <ataque pelo centro> ⊃ <fácil defesa>

<ataque pelos lados> ⊃ <periculosidade>

A presença desses esquemas conotativos confere à linguagem do futebol um alto teor de *previsibilidade*. Quando um comentarista esportivo se dispõe a falar sobre o comportamento do *ataque* num certo jogo, sabemos antecipadamente o que ele vai afirmar ou negar acerca dos atacantes: o centroavante é *veloz*, *agressivo* (ou *lento*, *pesado*, não *corre*) etc. A conotação, portanto, se torna responsável por uma parcela importante de *estereótipos* da linguagem do futebol, sobretudo os de natureza contextual.

3.4 Esquemas gramaticais

Algumas ocorrências peculiares à linguagem do futebol, e especialmente a seu léxico, podem ser analisadas sob o ângulo das classes de identificação e relação concebidas por Pottier (1968b, p.73 ss.)

3.4.1 *Perspectividade*

No léxico em estudo não escapam à nossa atenção as duplas e trios vocabulares que se podem relacionar sob o eixo da *perfectividade*:

(28)

Perfectivo

abrir(-se)
fechar(-se)
destruir
encontrar o gol
arrematar, finalizar

Imperfectivo

forçar
marcar, cobrir
obstruir
buscar o gol
atirar, visar

3.4.2 O gênero e a relação posição-jogador

Esta oposição se manifesta, sobretudo, pela variação do artigo:

(29)

Posição

a (zaga) central
a (zaga) lateral
a (linha) média
a meia
a ponta-direita (esquerda)
a extrema-direita (esquerda)

Jogador

o central
o lateral
o médio
o meia
o ponta-direita (esquerda)
o extrema-direita (esquerda)

A relação *feminino = posição vs. masculino = jogador* não confirma a teoria da oposição quantitativa formulada por Pottier (1968a, p.109), segundo a qual o feminino evoca *extensão* e o masculino *restrição*. Difere o caso, porque aqui temos a presença do <humano>. O artigo masculino funciona, na verdade, como marca do humano em oposição ao não-humano espacial. A estreita relação entre *posição* no espaço e *humano* que atua nessa posição do espaço se manifesta no próprio comportamento da lexia, quando sofre transferência de gênero: em {a zaga central}, o componente que não traduz noção de posição no espaço (zaga) desaparece no masculino (o central). O mesmo ocorre em a *zaga lateral vs. o lateral*.

3.4.3 A voz

Anotamos alguns casos de oposição entre voz ativa vs. voz médio-ativa vs. voz atributiva:

(30)

Ativa

abrir
fechar
trancar
cobrir

Médio-ativa

abrir-se
fechar-se
trancar-se
cobrir-se

Atributiva

jogar aberto
jogar fechado
ficar trancado
ser coberto

As formas ora citadas correspondem a termos-chave dentro do vocabulário que estudamos. Dão curso a jogos actanciais bastante freqüentes na linguagem do futebol, sobretudo quanto à oposição semântica defesa vs. ataque.

4 Os resultados do estudo e a bibliografia teórica

De início, esperávamos que Greimas, com seu conceito de *espacialidade* pensada como um sistema sêmico, resolvesse os nossos problemas de análise, tendo em vista que a noção de espaço impregna todo o léxico do futebol. Logo o confronto com os dados nos mostrou que a maioria das unidades desse léxico exhibe espacialidade, sim, mas um tipo específico, próprio, do futebol. Trata-se da espacialidade que implica o campo de jogo e as noções de *posição* e *movimento* (do jogador ou do time) associadas à idéia de *função* (atividade geral ou específica que o jogador ou o time exerce em campo). A esta última espacialidade demos o nome de eixo função–posição–movimento (itens 2 e 3.1), abordada sem o concurso de nenhuma teoria em particular.

Apesar de a espacialidade greimasiana ser de *caráter genérico*, por envolver as idéias de DIMENSÃO–SUPERFÍCIE–VOLUME, aplicáveis a qualquer campo de estudo, serviu-nos para classificar lexias não dotadas da espacialidade específica. Também incluímos nesta classificação, a título de ilustração, alguns itens do campo especial que trazem com nitidez esta ou aquela categoria semântica da espacialidade genérica (por exemplo, *descer* e *subir*, que envolvem VERTICALIDADE).

A leitura do texto de Greimas (assim como a dos de Pottier) nos levou a fazer uma abordagem sêmica do léxico do futebol. Aproveitamos, inclusive, a *disposição gráfica* da análise sêmica que ele faz, como se vê nos nossos *quadros* da seção (3). Nessa questão, nem sempre pudemos segui-lo, sobretudo no *critério das oposições binárias* como princípio de organização sêmica, pois seu radicalismo não se coaduna com as características do léxico em pauta. Para conseguirmos um resultado coerente com elas, tivemos de elaborar um critério de análise maleável, que desse conta de certa inconsistência existente nesse campo lexical. O nosso critério distingue não só semas positivos e negativos, mas semas *predominantes*, *atenuados*, *suspensos* (entre os positivos) e *negativos*. Também prevê a determinação estrutural ou contextual de tais semas (ver 3.1).

Quanto a Pottier, além de fornecer o embasamento de teoria semântica que inspirou a concepção geral deste trabalho e a formulação de um critério adequado de análise sêmica, contribuiu diretamente para alguns resultados específicos (3.3 e 3.4). Foi após a leitura de suas obras (em especial 1968b, p.65 ss.) que nossa atenção se voltou para alguns *esquemas recorrentes* do léxico do futebol. O item 3.3 se refere a *sinestésias* e *conotações* (estas últimas identificadas com os semas variá-

veis do *virtuema*).⁷ A rigor as duas não formam um mecanismo único, mas se equivalem por levarem ambas ao mesmo resultado: o intercâmbio semântico e lexêmico. A sinestesia permuta as categorias do eixo função–posição–movimento ou as do esquema função–espacialidade genérica (*jogar atrás* por *jogar na defesa*; *descer*, verticalidade, por *atacar*). Já a conotação se manifesta de um modo mais complexo: os sememas básicos do léxico futebolístico (<defesa>, <ataque>, com suas especificações) incorporam, respectivamente, os semas conotativos <medo> e <coragem>. Com base nessa condição semêmica, os cronistas esportivos (inconscientemente, é claro) trocam as expressões lexêmicas referentes ao semema básico (*cobrir/defender*, *desarmar*, *marcar* etc.) por outras que trazem o sema conotativo (<medo> ou <coragem>) como central. Exemplificando: em lugar de *defender*, diz-se esconder-se, ter medo, ser medroso/tímido, morrer de medo, acovardar-se; em vez de *atacar*, usa-se ousar, atrever-se, agredir, ser agressivo, ser corajoso etc. O mecanismo sinestésico–conotativo se constitui no segundo mais importante da organização semântica do léxico em estudo (o primeiro é o item 3.1, o da correspondência entre função–posição–movimento). Tal processo gera muitos lexemas; mas, em virtude da sua alta frequência e dos numerosos parassinônimos, acabam se tornando estereótipos.

O estudo da teoria semântica de Pottier (particularmente classes de identificação, classes de relação, relações intersêmicas) também nos permitiu identificar e descrever certos *esquemas gramaticais* importantes no léxico do futebol (perfectividade, gênero contrastivo, voz). São importantes não pelo número de lexemas que mobilizam, mas pelas *oposições* que criam no interior dele.

Assim, esses dois autores estruturalistas fizeram contribuições específicas valiosas para que chegássemos aos resultados do presente trabalho.

5 Conclusão

A análise que acabamos de fazer sobre o léxico do futebol – visto por um ângulo espaço–dinâmico – identificou e descreveu quatro mecanismos semânticos a serem lembrados numa possível organização desse léxico:

- 1 o eixo semântico função–posição–movimento;
- 2 a noção de espacialidade genérica (equivalente ao *sistema sêmico da espacialidade* formulado por Greimas);
- 3 sinestésias e conotações;
- 4 esquemas gramaticais (perfectividade, gênero contrastivo, vozes verbais).

⁷ Para verificar os conceitos de *sinestesia* e *conotação* em Pottier, ver 1968b, p.70, 108, 119. Em “A definição semântica nos dicionários” (1977, p.24, nota 3), o linguísta francês muda sua concepção de *virtuema*, que deixa de se referir a conotações.

Reconhecemos como mais importante o primeiro, que se refere à(s) correspondência(s) entre as *funções* (atividades gerais ou específicas) dos jogadores em campo, suas *posições* ou distribuição espacial e seus *movimentos* ou deslocamentos nesse mesmo campo. As três categorias juntas formam a *especialidade específica* do léxico do futebol. Atuam como núcleos semânticos básicos, que mobilizam e concentram os lexemas dessa área lexical, forçando-os a entrar em oposições radicais ou não (defender/atacar, avançar/recuar, combater/armar/finalizar). De certo modo restringem a *criação lexical* (neologismos), quase só concedendo a esta o direito ao polimorfismo (cobrir/cobertura), aos módulos (avançar/ir à frente, fechar/fechar-se), aos parassinônimos (zagueiro = beque) e às formações de grau (goleirão, defesinha).

As relações de equivalência que unem tais conceitos possibilitam a formação de *esquemas sinestésicos*, de irradiação limitada, o que esclarece a fixação de certos estereótipos (jogar atrás = jogar na defesa). As *conotações*, ligadas às funções básicas do jogo de futebol (atacar/defender), dão curso também a *lexias* ou a enunciados fortemente estereotipados. Trata-se de uma limitação imposta pela própria experiência humana. (No jogo de futebol só há *defender* e *atacar*, segundo um modo radical de ver o fato.) A presença maciça de estereótipos, contextuais ou não, reduz a capacidade de informação da linguagem em foco, aumentando a sua *previsibilidade*.

O domínio semântico que escolhemos, portanto, revela um comportamento coerente e recursos limitados – de controle, se não fácil, pelo menos suscetível de um enquadramento. Atendendo a um conselho de Pottier (1968, p.123-4), procuramos trabalhar com um conjunto mais ou menos restrito, e nele encontramos relações evidentes (os quatro mecanismos anteriormente citados, mormente a *especialidade específica*) que apontam para uma organização racional dessa parte do léxico futebolístico.

CARVALHO, N. F. de. Semantic structures in the soccer lexicon. *Alfa (São Paulo)*, v.40, p.75-102, 1996.

- **ABSTRACT:** *This study proposes to show which mechanisms are responsible for the semantic organization of the soccer lexicon. It is based on structuralist semantic theory (Greimas, Pottier). The area of work is delimited and the choice falls on the lexical domain defined as the core FIELD-GAME-TEAM. The typical concepts of the soccer language are also discussed (space-position-function). The data leads to the identification and description of four cohesive lexical processes. The most significant process is the specific spatiality, not only for mobilizing the majority of the lexical unities, but also for generating synaesthetics and connotations — the second most important lexical process.*
- **KEYWORDS:** *Semantic field; spatiality; semic analysis; axis of the function-position-movement; cohesive lexical processes.*

Referências bibliográficas

- BALDINGER, K. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Madrid: Alcalá, 1970. p.35-43, 115-7, 250-72.
- BORBA, F. S. (Org.) Semântica: coletânea de textos. *Boletim de Linguística (Araraquara)*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, set. 1969. p.41-7. (Mimeogr.).
- CHARGEL, F. D. et al. (Comp.) *Futebol no bolso*. Rio de Janeiro: Expressão, 1966. 247p.
- COSTA, M. C. R. O léxico de "profissões e ofícios". In: CASTILHO, A. T. de (Org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p.199-245 (Pesquisas).
- DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973. p.276-81, s.v. *langue* (2, 3, 4, 5, 6, 7).
- FERNÁNDEZ, M. C. L. O. *Futebol: fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro: PUC/Documentário, 1974. p.34-8.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GREIMAS, A. J. Langage et discours. In: _____. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966. p.30-41.
- GUIA do futebol. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 15 jun. 1994. Especial A, p.6-7.
- MARCELLESI, J. B. Le lexique. In: CAUSSAT, P. et al. *La linguistique*. Paris: Larousse, 1977. p.191-2. (Encyclopoche Larousse).
- NOVO MICHAELIS: dicionário ilustrado. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. v.1, p.420.
- PALHARINI, A. A. O léxico do apanhador de laranjas: aspectos sócio-etnolingüísticos. In: SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 42, 1990, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p.111-6.
- PLACAR. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Abril, 1972. 128p.
- POTTIER, B. Recherches sur l'analyse sémantique en linguistique et en traduction mécanique. *Publications linguistiques de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Nancy*, 1963. 38p.
- _____. Hacia una semántica moderna. In: _____. *Lingüística moderna y filología hispánica*. Versión de M. B. Álvarez. Madrid: Gredos, 1968a. cap.11, p.99-133.
- _____. *Presentación de la lingüística: fundamentos de una teoría*. Trad. Antonio Quilis. Madrid: Alcalá, 1968b. p.65-139.
- _____. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, L. M. P. (Org.) *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.21-31.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969. p.32.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977. p.20-3, 132-3, 493-539.

Fontes dos dados

- A GAZETA ESPORTIVA, São Paulo, 3 abr.; 22 maio; 5 jun.; 17 jul. 1994.
- DIÁRIO DA REGIÃO, São José do Rio Preto, 19 jun. 1994. Especial, p.1-8.
- FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 17, 24 abr.; 22, 29 maio; 19, 26 jun.; 11, 18 jul. 1994. Esporte.
- O ESTADO DE S.PAULO, São Paulo, 17 abr.; 29 maio; 26 jun.; 18 jul. 1994. Esportes.
- VEJA ESPECIAL. Guia da Copa 94. São Paulo: Abril, 1994, 58p. (Encarte do v.27, jun. 1994, Número extra).
- VEJA ESPECIAL. É tetra! São Paulo: Abril, v.27, n.29-A, 18 jul. 1994. (Número extra).